



GUIA

ESTUDOS

CONSELHO DE
SEGURANÇA

CEFET/RJ

II LEANI MUN

03-07.09.2018

Senhores Delegados, Analistas e Imprensa, sejam bem-vindos ao **II LEANI MUN!** Este Guia de Estudos para o evento, organizado no CEFET/RJ pelos alunos da graduação em Línguas Estrangeiras Aplicadas as Negociações Internacionais e pela equipe do Laboratório LEANI de Relações Internacionais, espera com informações, propostas e as posições de política externa dos países, auxiliar o melhor direcionamento dos debates e as propostas de resolução para os dois temas. Boa Leitura!

TEMA A – CRISE NO ORIENTE MÉDIO: A QUESTÃO DA SÍRIA

1. Histórico do tema

Crises humanitárias são recorrentes na história da humanidade mesmo após o desenvolvimento do Direito Internacional para a celebração de tratados multilaterais e a atuação de organizações internacionais com o objetivo de manutenção da paz mundial. A anarquia internacional se difere do ordenamento jurídico interno dos países, levando a divergências de cunho político-estrutural ou posições diplomáticas distintas. Dessa forma, a cooperação internacional é conceituada como palavra-chave haja vista a tentativa de harmonia no cenário mundial, distanciando-se do impasse supracitado. O presente guia preconiza o escopo de análise da problemática política e cultural da Síria, a qual envolve diferentes povos com demandas e perspectivas particulares dentro de um mesmo território.

Com um governo com mais de 18 anos sob o regime Bashar al-Assad, a Síria se encontra num constante imbróglio quanto ao status de sua soberania e governabilidade. Desde 2011, com o advento da revoltosa Primavera Árabe em países como Egito, Argélia, Iraque e Síria contra seus regimes ditatoriais, a instabilidade tem permanecido nos governos que não foram derrubados em virtude da ação de rebeldes. Além disso, os curdos, provenientes da porção sul da Turquia, reivindicam um vasto território, o qual abrange as regiões da Síria, Turquia, Iraque, Armênia e Azerbaijão, sendo estes delimitados após o esfacelamento do Império Otomano no Oriente Médio, na Primeira Guerra Mundial. Tal grupo luta pela formação de um Estado próprio – o Curdistão – onde possam governar e obter soberania. O impasse ocorre uma vez que a faixa reivindicada contém algumas das maiores reservas de petróleo do mundo, além de ameaçar a soberania das nações já formadas sobre essa região, dentre as quais, está a Síria. Logo, para que seja viável o domínio dessa faixa de terra, os curdos se opõem ao atual governo de alAssad.

É sabido que conflitos inacabados geraram armistícios ao invés de paz e um sentimento revanchista que fortalece a indignação e oposição entre países. Assim, como corolário da entrada estadunidense na guerra do Iraque em 2003-2004, o crescimento de grupos terroristas naquela região deu origem a um braço da AlQaeda

ainda mais radical: o ISIS (*Islamic State of Iraq and Syria*) ou Estado Islâmico em português, dentre outras nomenclaturas. Esse grupo religioso extremado não reconhece as fronteiras demarcadas no Oriente Médio tampouco os Estados presentes na região, pretendendo estabelecer um califado com uma identidade árabe baseada na lei islâmica – sharia – através de um paradigma rígido adotado também na Arábia Saudita: o wahhabismo. Os curdos, por sua vez, acabaram por se fortalecer no combate contra esse grupo terrorista visando a manutenção do território reclamado para si.

Dado este panorama estabelecido no Oriente Médio, em que medida as grandes potências Ocidentais, como Estados Unidos e Rússia tomam partido neste conflito? Visando uma maior estabilidade na região sob a ótica de seus objetivos, os EUA já realizaram diversas intervenções no conflito sírio, seja sob forma ataques aéreos em territórios controlados por al-Assad e ISIS, seja por armar os curdos em função de almejarem objetivos em comum. Todavia, são os mesmo curdos apoiados pela nação norte-americana que buscam desarticular governos como o de Bashar al-Assad. Dessa forma, a Síria se opõe aos EUA juntamente com seu anterior aliado, a Rússia. A partir daí, a capacidade de um dos representantes angariar o apoio do outro com relação a esta complexa questão da Síria irá reverberar na reciprocidade de outros acordos. Nas Relações Internacionais, muitos fatores estão interligados, portanto, ações políticas pontuais podem resultar tanto em um crescimento mútuo entre nações, quanto em um rompimento diplomático com consequências calamitosas.

2. Problematização:

2.1 Combate ao terrorismo

Em análise ao atual cenário sociopolítico da Síria, derivado de sua complexa formação marcada por numerosos conflitos de interesse – em destaque para os econômicos e geográficos –, vários atores se fazem presentes, diferindo-se a partir de suas ideologias, credos, diálogos e ações. Neste abstruso cenário de guerra e caos, destaca-se o terrorismo, prática utilizada como prerrogativa para impor

ideologias, disseminar o medo e conquistar poder, a qual possui a morte como seu principal substrato. Como não há consenso internacional na definição normativa da palavra, os atores, por sua vez, fazem uso dessa lacuna que permeia o entendimento do termo, para justificar atos de violência contra as partes oponentes, ou seja, ao passo em que um agente é considerado “terrorista” para uns, simultaneamente este pode ser concebido como um aliado para outros, a depender da ótica de análise.

Os ataques ocorridos no dia 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, foram um marco histórico para o fenômeno em questão. Sob a confirmação de sua autoria pela organização fundamentalista islâmica al-Qaeda, este episódio mostrara uma das maiores potências militares do mundo a ser atacada dentro de suas próprias fronteiras territoriais, o que resultou na disseminação de uma sensação de fragilidade para muitos Estados e assim, culminando para a gênese de uma situação de grande insegurança internacional. A balança de poder fora fortemente ameaçada através de uma ocorrência súbita, dessa forma, o discurso de defesa emanado pelos EUA ganhou apoio, sendo disseminado através de outras grandes potências ocidentais, tendo em seu âmago a tentativa de manutenção do *status quo*. Posteriormente a esta série de fatores, o então presidente estadunidense, George W. Bush iniciou a chamada “Guerra ao Terror”, conceito que resultou em políticas que almejavam a proteção de seu território, como medidas de controle sob a população, com ênfase nas tentativas de imigração e maior investimento na estrutura bélica do país. Sob a perspectiva norte-americana, os grupos fundamentalistas islâmicos foram considerados grupos terroristas, denominados por Bush como “O Eixo do Mal”, sendo esta a principal prerrogativa para a invasão ao Iraque e ao Afeganistão, acentuando assim o antiamericanismo no mundo islâmico e a xenofobia contra muçulmanos em grande parte da América e Europa. Todos estes tópicos, aliados às questões históricas, coloniais, culturais e religiosas também possuem ligação direta aos conflitos atuais na Síria já anteriormente mencionadas.

Atualmente existem mais de 100 definições para palavra “terrorismo” ao redor do mundo. Organizações como a OTAN, por exemplo, e convenções como *The International Convention for the Suppression of Terrorist Bombing (1997)* e *the International Convention for the Suppression of the Financing of Terrorism (1999)*, possuem suas próprias definições, que são utilizadas muitas vezes pela comunidade internacional, baseadas, entretanto, sob uma ótica ocidental acerca da problemática.

Para vislumbrar formas de êxito em relação às questões atuais da Síria, que corroborem direta ou indiretamente para a solução dos conflitos que assolam as populações dessa nação, torna-se imprescindível dialogar a respeito das diversas variáveis deste conflito, que conta com o terrorismo como um de seus protagonistas, assim, é de ampla importância o diálogo sobre como combatê-lo em nome da manutenção da paz mundial.

2.2 Reconstrução política da Síria

2.2.1 Refugiados

Com mais de 12 milhões de emigrados, a crise de refugiados demonstra ser uma questão impreterível dentre tantas mais que compõe o contexto sírio. Desde 2011 mais de 5 milhões destes procuraram asilo em países vizinhos, tais quais Jordânia, Líbano, Turquia e Iraque, sendo a maioria destes incapazes de suportar tamanha quantidade de pessoas. Países como a Turquia, por exemplo, chegaram a designar cidades específicas com tendas de modo a conseguir minimamente conter esta demanda. Diante da falta de condições e espaço para alocação desses refugiados, países ao redor do mundo, alinhados às prerrogativas do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), têm fornecido ajuda monetária e até mesmo asilo para que aqueles que o necessitam possam reestruturar suas vidas. Notavelmente a União Europeia tem estado na dianteira em termos de atuação externa, já tendo conseguido arrecadar cerca de US\$ 4,4 bilhões em auxílio para a nação asiática nesse ano.

2.2.2 Futuro político

A presença de Bashar al-Assad no cargo de presidência do governo sírio gera muitas controvérsias, sendo estas sintetizadas em dois possíveis cenários, que resultam na sua permanência ou debandada, onde, obviamente, apenas um prevalecerá. Em consequência disto, a forma como se dariam ambos cenários culmina

na questão principal. Tendo em vista uma suposição de permanência, visto que o atual presidente vem ganhando força nos últimos meses, principalmente após a entrada da Rússia como aliada, se poderia questionar a que moldes ocorreria a sua manutenção, se por vias democráticas ou por perpetuação do regime. Contudo, em decorrência de uma eventual deposição, a dúvida que resta tangencia a seguinte questão: de que forma este hipotético novo governo obteria apoio internacional? Seria possível a convocação de eleições, ou outro grupo – sendo este possivelmente o causador da exoneração de al-Assad – assumiria imediatamente o poder? Tais raciocínios devem ser pontos de partida para o desenrolar de uma séria negociação internacional.

2.2.3 Armas químicas e desarmamento nuclear

Principalmente a partir de 2013 levanta-se um enorme ponto de interrogação acerca do potencial armamentista sírio, e muitos relatórios começaram a ser publicados questionando o país para com o uso do gás sarin, um potente agente químico capaz de causar dano direto ao sistema nervoso humano. A indagação, portanto, faz-se não majoritariamente acerca da capacidade nuclear do país mas principalmente de armas outras, sobretudo químicas, que seriam supostamente utilizadas em ataques contra rebeldes. De um lado temos o governo sírio negando, e de outro a comunidade internacional afirmando possuir certeza quanto à inteligência e grande estoque do mesmo por parte da Síria, deixando então a preocupação no que se refere a armamento para com o país tendo como foco a atenção quanto ao uso de armas químicas, mesmo porque no que se refere a armas nucleares a Síria é um signatário do Tratado de Não-Proliferação Nuclear, mantendo apenas um programa nuclear civil.

2.2.4 Reconstrução da Síria

Devastada no presente, a Síria precisará de muito aporte financeiro para bancar sua reconstrução. A Rússia apela junto à ONU pela repatriação dos refugiados junto a uma não transição política que implique na queda de Bashar AlAssad. Por outro

lado, a Arábia Saudita já enviou U\$ 100 milhões destinados a reconstrução do país, arrasado em grande parte pelo Estado Islâmico. Esses países, no entanto, elucidam divergências de opiniões, onde por um lado há a Rússia, sendo pró-Assad e maior aliada de seu governo, e em outro, a Arábia Saudita ocupa a posição de uma das maiores financiadores da oposição ao governo sírio, além de ser uma importante nação guardiã do islamismo de matriz sunita. Sendo assim tal reestruturação não demonstra ser de exclusiva dependência econômica, mas também de complexas questões políticas e sociais. Em virtude de tais paradigmas, quais ações devem ser tomadas a curto e médio prazo a fim de que ocorra o início de uma agenda de reconstrução política para Síria? Quem o faria? De onde proveria os fundos necessários? Qual papel teria a Organização das Nações Unidas nesse processo? Essas e outras questões serão fundamentais para o futuro êxito do contencioso sírio.

3. Posicionamento dos principais países

3.1 Brasil e aliados regionais

O Brasil, por certo tempo, buscou posicionar-se com certa neutralidade quanto à crise na Síria. Tal ação resultou em críticas negativas por parte da comunidade internacional para com a nação brasileira, afirmando que a política externa do país fora branda acerca dos assuntos concernentes ao tema. Após o fatídico ataque químico aos arredores da cidade de Damasco, o Itamaraty emitiu uma nota na qual afirmou que o ataque em questão constituiu em "... crime hediondo, que chama a atenção da comunidade internacional para a necessidade de esforços centrados." Apesar do tom mais firme, a resolução sugerida pelo Itamaraty seguiu os padrões já costumeiros, declarando que uma intervenção militar externa não seria eficaz, e "(...) recorda seu apoio à convocação de conferência internacional sobre a situação síria". Seja como for, historicamente, o Brasil e os aliados sul-americanos tendem a apoiar medidas de natureza conciliatória e pacíficas. Acredita-se que não se oporiam a quaisquer resultados negociais que refletissem o consenso internacional.

3.2 Arábia Saudita e aliados sunitas

A Arábia Saudita, por seu posicionamento categórico e proximidade geográfica com a Síria, possui participação crucial no presente e futuro do conflito. O país aponta uma posição altamente oposicionista ao governo do presidente Bashar al-Assad, e assim colaboram com países que compartilham desta diretriz, como EUA e França, contabilizando diversos ataques aéreos contra áreas de influência de ISIS e al-Assad, ao passo em que também fornece apoio total aos grupos de resistência, como os jihadistas anti-Assad, sendo um de seus principais fornecedores de armamento e dinheiro. A Arábia Saudita acredita que é de suma importância que o presidente Assad seja destituído do poder, podendo ser através da implantação de um governo transitório ou através da remoção a base da força. É importante salientar as divergências entre Arábia Saudita e Irã, as quais possuem motivação principalmente de cunho religioso, uma vez que discordam por ser de matriz sunita e xiita, respectivamente. Sendo assim, estas nações protagonizam intensos conflitos ao vislumbrar quem assumirá o papel de maior influência na região.

3.3 Canadá

O país é notoriamente reconhecido internacionalmente pela recepção de refugiados sírios. Sob o governo de Justin Trudeau que afirmou aos solicitantes que “os canadenses irão recebê-los independente de sua fé”, o país já recebeu mais de 40 mil pessoas que fugiam do conflito, uma vez que muitas delas não foram aceitas em diversos países, como os EUA de Donald Trump. No tocante à guerra, inicialmente o Canadá atuou em um grupo liderado pelos Estados Unidos, o qual tivera como intenção efetivar ataques a áreas ocupadas pelo Estado Islâmico no Iraque e Síria, entretanto, a participação canadense nestas missões foi suspensa após declaração de Trudeau, que apesar de tal atitude, declarou apoio público à operação. O Canadá repudia o uso de armas químicas por parte da síria, e se posiciona ao lado de seus parceiros internacionais contra autores de ataques deste feito.

3.4 China

A China possui uma posição favorável ao presente governo estabelecido na Síria de Bashar al-Assad. Com isso aliou-se à Rússia em prol da defesa do governo sírio no conselho de segurança da ONU e declarou sua discordância em relação a qualquer ação militar tomada em ataque ao território. Isso se deve ao fato de que segundo o governo chinês o governo de Assad possui legitimidade. Historicamente, tende a atuar em conjunto com a Rússia e o Irã. Note-se a importância da China sobretudo no processo de reconstrução regional, justamente no momento em que o governo de Pequim acaba de anunciar a criação de amplo projeto de infraestrutura internacional, chamado de “A Nova Rota da Seda”. Trata-se do maior programa de obras já anunciadas na humanidade que visa interligar o país ao restante do mundo.

3.5 Estados Unidos e aliados

O país apresenta declarada oposição tanto ao governo de Bashar al-Assad, afirmando inúmeras vezes que condena as atitudes do presidente sírio contra seu próprio governo, quanto ao grupo jihadista Estado Islâmico, sustentando sua conhecida política antiterrorista, iniciada posteriormente ao ataque ocorrido em 11 de setembro de 2001. No ano de 2014, o então presidente Barack Obama inaugurara o início de uma campanha de ataques aéreos contra regiões da Síria, tendo o ISIS como seu maior alvo, além de ter recebido o apoio de nações do Ocidente e Oriente. Tais investidas foram consideradas por muitos como conservadora, sob a argumentação de que pretéritas intervenções estadunidenses no Oriente Médio fracassaram. Já em 2017, sob o mandato do presidente Donald Trump, foi ordenado, pela primeira vez desde o início da guerra civil, o lançamento de mísseis contra uma base aérea da Síria, em resposta a um ataque químico contra civis de suposta autoria do governo de Bashar Al-Assad. Na mesma ocasião, outros dois alvos foram atingidos, sendo o primeiro em um centro de pesquisa e produção de armas químicas e biológicas e o segundo em um armazém de armas químicas, sendo todos estes realizados na cidade de Damasco. No início de 2018, o presidente Trump deu declarações que endossa a crença de que, durante sua administração as relações EUA-Síria serão bem menos cooperativas que outrora. Embora não apoie o governo Assad, o governo norte-americano não pretende enviar grandes contingentes militares à região.

3.6 França

Desde os primórdios da guerra da Síria, a França tem sido uma nação ativa no conflito, apresentando um discurso incisivo e pragmático em oposição ao governo de Assad. O governo francês foi um dos primeiros no Ocidente a reconhecer o principal grupo rebelde opositor ao atual regime, caracterizando-o como um legítimo representante do povo sírio, e posteriormente engajou-se para atuar em seu favor, fornecendo medicamentos e equipamentos bélicos. Tais ações foram sustentadas sob a argumentação de que seriam extremamente contundentes contra o governo do “déspota” Bashar al-Assad. Após o lastimável ataque à sede do jornal Charlie Hebdo no ano de 2015 em Paris, a França intensificou suas ações diretas no conflito, realizando ataques aéreos contra bases do Estado Islâmico, além de colaborar em ataques coletivos. Contudo, sob a liderança de Emmanuel Macron, recentemente a política francesa tornou-se um pouco menos ácida em relação ao conflito, principalmente quanto ao regime do presidente sírio. Embora não mais demande a sua exoneração do cargo, este discurso não deve ser confundido com neutralidade na questão, uma vez que o mesmo presidente Macron ameaçou realizar investidas bélicas contra o território sírio caso houvesse confirmação acerca do uso de armas químicas por al-Assad. Tende, no entanto, a apoiar medidas conciliatórias que encerrem o conflito, uma vez ser diretamente atingida pela massiva onda de refugiados a chegar em solos europeus.

3.7 Irã

A República Islâmica do Irã, assim como a Rússia, dispõe de um posicionamento no qual fornece total apoio ao regime do presidente sírio Bashar al-Assad. Assim, o país pode ser considerado como um dos maiores apoiadores do atual governo sírio na região do Oriente Médio. Devido a este suporte, especula-se que o governo iraniano forneça armas e conselheiros militares para o governo sírio, ao passo em que investe bilhões de dólares e provém linhas de crédito em prol do apoio ao governo do presidente Assad. É importante salientar as divergências entre Arábia Saudita e Irã, as quais possuem motivação principalmente de cunho religioso, uma vez serem de matriz sunita e xiita, respectivamente. Outrossim, competem

regionalmente pela hegemonia política. É crescente os antagonismos entre ambos. Sendo assim, estas nações protagonizam intensas discordâncias ao vislumbrar quem assumirá o papel de maior influência na região.

3.8 Reino Unido

Com início em 2015, o Reino Unido realizou ataques a bases bélicas e poços de petróleo dominados pelo grupo Estado islâmico, assim como participou de ataques à regiões controladas por Assad, ao afirmar que este teria realizado ataques químicos contra sua própria população. Em virtude da grande evasão de civis, o conflito na Síria possui grande importância para o Reino Unido, uma vez que muitos refugiados solicitam asilo no país. Recentemente, mediante especulações de novos ataques químicos contra a cidade de Douma, a primeira-ministra Britânica Theresa May declarou que o uso de armas químicas "não poderia ficar impune". Já em abril deste ano, juntamente com a França, o país apoiou o bombardeio de autoria norteamericana o qual teve como alvo instalações que produziam, armazenavam e distribuíam armamento químico em território sírio. Tende a atuar, nesta questão, em parceria com Estados Unidos e França.

3.9 Rússia

É inegável que a posição da Rússia em relação ao atual conflito armado que ocorre na Síria contemporânea é uma das mais influentes em relação ao cenário político-diplomático de tal crise. A posição russa perante o conflito consiste em total apoio ao governo do atual presidente sírio Bashar al-Assad, independentemente das críticas que sofre pela comunidade internacional em razão de seu posicionamento.

Sendo assim, sob a ótica russa, os rebeldes resistentes ao governo sírio atual são considerados terroristas. Tal apoio é efetivado principalmente pelo fornecimento de armas para os militares sob o comando do governo sírio e pelo posicionamento decisivo em defesa do aliado perante o Conselho de Segurança da ONU, o qual o país integra como membro permanente. A Rússia tem como principais interesses manter

sua influência na área, além da manutenção da base naval e da venda de armamentos.

3.10 Turquia

A Turquia possui atualmente uma posição crítica em relação ao governo do presidente Bashar al-Assad. A nação tem recebido um grande contingente de refugiados devido à recorrência de tais conflitos na região da Síria, galgando destaque internacional, uma vez que chegaram à estimada marca de quase dois milhões de indivíduos recepcionados. A Turquia foi um importante aliado do regime no passado. Por um lado, teme o fortalecimento das minorias curdas, armadas por países membros da OTAN no combate de Bashar Al-Assad. Do outro, aposta na queda do regime.

4. Resolução

Posteriormente a uma série de reflexões e debates provenientes do diálogo estabelecido entre as delegações presentes no comitê, ao seu fim, espera-se que um documento oficial seja apresentado à mesa, sob a forma de um projeto de resolução. Podendo ser elaborada e assinada por uma ou mais delegações, a resolução deve conter propostas de intervenção que cooperem para a resolução das problemáticas a serem debatidas neste comitê, as quais consistem nas questões que tangenciam o terrorismo na Síria e a reconstrução política do país. A atual situação de guerra civil na nação em questão deve receber total atenção e engajamento da comunidade internacional, uma vez que os espólios do conflito transcendem as fronteiras de seu território, causando trágicos impactos tanto no Oriente quanto no Ocidente. Ou seja, em decorrência da abissal proporção desse conflito, no qual potências mundiais e agentes não estatais guerreiam de forma violenta, colocando em risco a integridade de milhares de vidas dentro e fora da síria, este problema definitivamente não pertence apenas ao governo sírio. Em decorrência disto, surgem muitos questionamentos e incertezas que anseiam por resposta. Uma resolução deve conter, portanto, a tentativa de respostas e soluções para tais incógnitas.

Para muitos países, o fator que mais fomenta a crise sociopolítica que vigora na Síria consiste na liderança do presidente Bashar al-Assad, iniciada nos anos 2000. Nesse sentido, para as nações contrárias ao atual governo da Síria, o afastamento do atual presidente deveria ser a primeira ação a ser realizada para um eventual fim do conflito sírio. Contudo, como seria realizado tal afastamento? Este questionamento faz-se crucial ao tratar de uma possível sugestão de articulação política presente em uma resolução como esta, o qual seria ponto de partida para muitos outros, como: Em virtude da tensão do conflito, esta hipotética transição governamental seria feita de forma forçada ou pacífica? Em caso de deposição do atual presidente, quem assumiria este cargo? Haveria alguma forma de eleições? Seriam estas diretas ou indiretas? Tais questionamentos são essenciais para questões referentes a uma proposta que fomenta uma transição de governo.

Entretanto, referindo-se em análise à oposição do pensamento supracitado, como poderia Bashar al-Assad reverter o atual cenário de calamidade na Síria? Quais países o apoiariam, e como o fariam? Com uma relação direta à crise política no país, o terrorismo praticado por grupos religiosos extremistas tem causado grande medo e apreensão em escala global, uma vez que grupos terroristas assumiram a autoria de ataques não apenas na Síria, mas também na Europa e África. Com destaque para o Estado Islâmico, as ações terroristas obtiveram um aumento significativo quanto à sua incidência na última década, sendo a causa de inúmeras mortes de civis em diversas partes do globo, caracterizando uma lástima que antagoniza completamente com a promoção da paz no cenário internacional, ultrajando a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nesse sentido, ideias que visem ao combate efetivo do terrorismo precisam ser debatidas com urgência sob forma de propostas eficazes e contundentes que auxiliem na superação desta problemática. Sendo assim, como o terrorismo seria combatido? Seriam feitas, porventura, reformas ou atualizações de normas internacionais? Haveria cooperação internacional quanto à troca de dados entre países? Que medidas poderiam aprimorar a identificação de terroristas foragidos? Como seria realizado o combate em campo que vise a interceptação de atentados terroristas? Todas as possíveis ações realizadas a partir de propostas provenientes de tais questionamentos – ou similares – demandariam altos custos, dessa forma, quem viabilizaria o financiamento para a concretização destas medidas?

Encontrar soluções para dilemas tão complexos quanto estes presentes neste comitê é, de fato, uma tarefa árdua e laboriosa, dada a grande quantidade de agentes e variáveis que compõe este conflito. Uma resolução, portanto, desempenha o papel de promover a elaboração de propostas que, de alguma forma, possam impactar nas problemáticas a serem debatidas e dialogadas, ou seja, transformar o abstrato em tangível. A proteção à vida, por fim, deve ser prioridade nas propostas interventoras elucidadas neste comitê, uma vez que este ratifica a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que em seu artigo II afirma:

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Referências:

DEMIR, sertif; RIJNOVEANU, carmen. **The impact of the Syria crisis on the global and regional political dynamics**. Journal of turkish world Studies: [s.n.], 2013. 55-77 p. Disponível em: <http://tdid.ege.edu.tr/files/dergi_13/09.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

GUILLEMIN, JEANNE. Syria's Red Line: **The chemical weapons ban should have been made universal years ago**. [S.l.: s.n.], 2013. 1 p. Disponível em: <<http://bostonreview.net/world/jeanne-guillemin-syrias-red-line#.Uh-NxalcLVg.email>>. Acesso em: 18 ago. 2018

JONES, Sidney **Terrorismo: mitos e fatos**. Jakarta: International Crisis Group, 2013.

LUTZ, James e Brenda Lutz. **Terrorismo: origens e evolução**. Palgrave Macmillan, 2005.

MANNIK, Erik: **Terrorism: Its Past Present and Future Prospects Religion and Politics in Multicultural Europe**" in Perspectives and Challenges, Tartu, Tartu University Press, pp. 151-171, 2009.

MILLER, Martin A. **As bases do terrorismo moderno: estado, sociedade e a dinâmica da violência política** . Cambridge University Press, 2013.

Para saber mais:

<http://qb5cc3pam3y2ad0tm1zxuhho-wpengine.netdna-ssl.com/wpcontent/uploads/Clarion%20Project%20Syrian%20Civil%20War%20Factsheet.pdf>
https://carnegieendowment.org/files/CEIP_CP290_Wimmen_Final.pdf

http://www.gicj.org/images/2016/pdfs/Final-Report-Syria_June-2017.pdf

<https://news.un.org/en/story/2018/04/1008232>

<https://www.internationalaffairs.org.au/australianoutlook/syria-future/>

<https://www.nytimes.com/2013/12/29/world/middleeast/new-study-refines-view-of-sarinattack-in-syria.html>

<https://www.wsj.com/articles/saudi-arabia-to-contribute-100-million-to-u-s-backed-efforts-in-syria-1534469569>

<https://www.theguardian.com/world/2016/nov/29/russia-should-foot-syria-reconstruction-billeuropean-leaders-say>